

ANCIB e as Perspectivas da Ciência da Informação*

Solange Puntel Mostafa

RESUMO

MOSTAFA, S.P. ANCIB e as perspectivas da Ciência da Informação. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3, p. 41 - 48, janeiro/dezembro/1995

Discorre sobre uma associação de pesquisa e tece perspectivas da Ciência da Informação no Brasil.

Palavras-Chave: Perspectivas da Ciência da Informação; Políticas de Pesquisa em Ciência da Informação; ANCIB; Associação de Pesquisadores; Informação e Pesquisa; Informação e Processo Produtivo.

A ANCIB tem uma tarefa principal que é associar os pesquisadores na área de Ciência da Informação. Mas não é assim que apresentarei a ANCIB, uma coisa pronta que tem nome, sede e estatuto. Gostaria só de pensar na associação de pesquisadores. Um curso de pós-graduação é também uma associação de pesquisadores. Os pesquisadores estão associados num curso por linhas de pesquisa e por áreas de concentração. Por que isso? Porque ninguém pensa sem concentração. Agora, o fato de escolhermos algumas áreas de concentração para pesquisar não significa que estejamos todos alinhados num mesmo pensamento. Parece contraditório mas à medida que a gente concentra, a diferenciação também vai aparecendo como consequência da nossa concentração. Porque cada um de nós é, como diz BARRETO (1994), um ego pensante. E a gente precisa ter liberdade para pensar, ser, estar, permanecer e ficar sem o aprisionamento a teorias ou pessoas estabelecidas. Porém, nenhum de nós pensa sozinho. A gente pensa sempre por referência ao outro. A gente se refere ao outro; por isso é que fazemos referências bibliográficas. Aliás, a nossa área de Ciência da Informação é uma área cuja especificidade é a referência, seja de autores, seja de termos a serem indexados. É uma área que cuida da estrutura interna do discurso escrito e da forma de representá-lo (referen-

* Palestra realizada durante o I Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação do IBICT, agosto de 1995.

ciá-lo) através das linguagens construídas e cuida também dos indicadores que levam esses discursos de um lado para o outro, indicadores que fazem esses discursos circularem - por isso é que nós usamos expressões como transferência de informação, uso de informações, usuários de informações etc., expressões que como já disseram alguns de vocês, são expressões que vão se tornando perigosas porque vão nos dando a impressão de que a informação é uma coisa de carregar na mão e não um processo de interação entre as pessoas, interação incessante que os homens estabelecem entre si no processo mais fundamental da existência que é o processo do trabalho. Toda vez que eu falo que informação é um processo de interação, já é preciso repetir com DANTAS (1994) que esse processo é sintático, é semântico, é neguentrópico e referido à história dos homens. Com GOMES (1982) aprendi há dez anos atrás que a informação não era coisa, não podia ser entendida como produto.

Então vocês notem que eu nem bem comecei a falar e já citei os colegas desta associação de pesquisa que é a pós-graduação do Rio de Janeiro. Sendo eu de Campinas e pertencendo a uma outra associação, a qual se associa por outras áreas de concentração e de pesquisa, mesmo assim, eu não consigo me expressar sem me associar ao pensamento de alguns de vocês.

É o alinhamento. Os pesquisadores vão se alinhando por afinidades temáticas e muito importante, por afinidades ideológicas. Trata-se de um campo de ação informacional, para citar mais um de vocês (MARCHIORI, 1992). Um campo onde ocupamos posições relativas. Então as áreas de concentração e as linhas de pesquisa formam um campo de ação informacional onde ocupamos posições relativas.

É de se reconhecer que avançamos muito a nossa compreensão sobre as relações entre Informação e Sociedade e que essas novas compreensões, sem dúvidas, nos fazem criar novas metodologias. Hoje nós sentamos com os economistas e com os comunicadores para discutir economia política da informação, por exemplo. Então é um avanço. BOLAÑO (1993), um doutor em economia da comunicação, levanta as contradições da informação, as quais me referi nesse texto da Fundação Seade.

Mas o importante aí é perceber que o tema informação e sociedade é de primeiríssima necessidade. Se nós imaginarmos a cidade italiana Veneza em 1400, quais eram as relações entre Informação e Sociedade nesta economia pré-capitalista, mercantil, feita de mercadores, aquele ambiente de Ceasa, sem produção em massa, sem indústrias? E que papel desempenha aí a informação? Claro que informação aí não é poder, não é arma intercapi-talista. Aí precisa-se de informações porque informação é fundante numa economia de troca: você precisa saber o preço das coisas - as coisas importantes aí são pimenta e sal, as especiarias do oriente. Em Veneza até

hoje pode-se ver os armazéns que guardavam a mercadoria e os mercadores. Então precisa de informação: preço, qualidade da matéria prima, condições de crédito do comprador, vai pagar com cheque ou com cartão de crédito, questão do transporte, enfim toda informação que é preciso para compra e venda de mercadorias; aí em Veneza de 1400 você só não precisava de maquiagem a informação. A informação mercantil tem um quê de objetividade que a informação capitalista não tem e nem pode ter. Pois ali são poucos os produtos, não tem concorrência. Então não precisa de informação em excesso. Não tem produção de informação em massa. Então o tipo de ação comunicativa que se passa entre os mercadores é mais objetiva porque não só se refere ao mundo objetivo e nesse sentido a ação comunicativa aí é diferente daquela ação comunicativa que se dá entre parceiros sexuais por exemplo ou entre fiéis numa igreja. Não só por isso porque até aí a informação capitalista tecnológica também vai (é sempre possível checar a veracidade das informações através do discurso argumentativo, como quer Habermas) mas principalmente porque a economia mercantil não é uma economia de produção em massa. Então não precisa de informação em demasia. Já na virada dos 1400 pros 1800: são tantos os produtos, qual deles eu devo levar? Aí entra a informação na forma de propaganda. Aí entra a nossa interface com os comunicadores porque de meios de comunicação de massa são eles que entendem. E entra toda uma análise do significado da indústria cultural porque desde o aparecimento da TV, do vídeo, da indústria livreira, enfim da indústria cultural, e tudo isso se deu se não me falha a memória da década de 60 pra cá, desde lá, não tem mais como falar em informação sem falar em meios de comunicação de massa, em indústria cultural, em indústria da informação. Agora, e isso interessa de novo à economia da informação: dos 1800 até nós a economia capitalista precisou privatizar o público: os meios são de massa mas não são da massa. Precisou também tornar público o que é privado. A propaganda faz isso: ela torna pública uma coisa que é privada.

Então vejam: é como se a informação fosse externalizando as suas contradições e agora dá para ver melhor essas contradições. A informação capitalista que na essência é de classe, na aparência se apresenta como se fosse de massa. A informação mercantil que lidava com a informação na forma publicidade no sentido de tornar público, no capitalismo aquela forma se reveste de um outro sentido que é a publicidade no sentido de convencer e aí o que vale mesmo é desinformar, é a maquiagem. E a maquiagem é útil também para dar veracidade no produto original: ' havaianas, as legítimas'

No interior do processo de trabalho o gerente detem informações muito diferentes daquelas que detém o trabalhador direto e isto por uma questão de classe social, de relações de produção, de relações de trabalho, trabalho no sentido forte do termo como é proposto no materialismo histórico.

Então vejam: hoje a gente está podendo ver coisas e problematizar as relações entre Informação e sociedade, de uma forma que não fazíamos há 20 anos atrás. Agora nós temos é que ter muito cuidado com o novo, as novas terminologias e as novas tecnologias. Eu falei isso num encontro da ANCIB em 1989 em Brasília (MOSTAFA, 1991); era ano de aniversário da Revolução Francesa - o mundo todo estava comemorando a igualdade, liberdade e fraternidade e o tema da Ancib eram as novas tecnologias - as tecnologias e a formação do profissional de informação - o novo profissional da informação. Argumentei que não dava para pensar em novas tecnologias sem pensar em relações de trabalho, em relações de produção. A tecnologia já supõe um conhecimento novo que foi aí incorporado. A expressão desenvolvimento tecnológico supõe a criação de meios de trabalho novos, mais produtivos ou mais eficazes que serão aplicados às questões técnicas da produção. Essa compreensão da tecnologia como ciência aplicada é uma compreensão abstrata, válida apenas para a teoria do trabalho em geral. Reduzir a tecnologia ao conjunto dos instrumentos materiais do trabalho é uma das reduções de senso comum em qualquer conjunto de práticas. Quase todos nós achamos que tecnologia é isso mesmo, algo parecido com máquina ou quando muito, uma fórmula química. É evidente que instrumentos de trabalho mais desenvolvidos só poderiam ser novos, mas essa aparente redundância nessa ideologia do progresso técnico tem a função de dizer-nos que o novo é bom, porque decorre do progressivo domínio do homem sobre a natureza viabilizado pelo progresso científico. A tal ponto que essas expressões vem fundidas na noção de desenvolvimento científico-tecnológico. Com isso a gente vai descolando a ciência e a sua aplicação do processo produtivo. E o mais grave vai-se reduzindo o ato da produção (mesmo o ato da produção da informação - a produção de serviços de informação), vamos reduzindo a produção a uma questão meramente técnica. Se o novo é feito equivaler nessa ideologia ao mais eficaz e mais produtivo, então dispensa-se maiores justificativas: o novo é bom em si mesmo, por sê-lo, simplesmente.

Nada haveria de especial nesta redução, se ela não correspondesse também a um movimento de omissão do aspecto essencial dos instrumentos do trabalho, agora ditos tecnológicos, de eles só virem a ganhar existência concreta no trabalho enquanto expressarem relações sociais as quais não se estabelecem por referência à capacidade produtiva ou à eficácia dos instrumentos, mas por referência àquilo que nós chamamos de relações de produção ou de propriedade.

Claro que essas coisas que usamos para trabalhar não são só materiais. Há saberes elaborados pela ciência ou pelas práticas em exercício, saberes que podem ou não estar materializados em instrumentos, há também formas de organizar o trabalho, nexos técnicos de organização do trabalho. Enfim, para trabalhar é preciso reinventar os conceitos porque certas tecnologias os encurtam. E porque os encurtam encurtam também a prática, o trabalho. E nós ficamos todos reduzidos às novas terminologias e às novas tecnologias.

Objetivos-material-métodos-resultados-conclusão: A Seqüência Positivista da Ciência

Existe uma tradição em ciência em todas as áreas do conhecimento que a exposição da pesquisa deva se dar dentro de uma seqüência que vai dos objetivos às conclusões. **Objetivos-Material-e-Métodos-Resultados e Conclusões.**

Esta é uma seqüência que satisfaz uma certa concepção de ciência e com certeza muitas perguntas que a Ciência da Informação levanta e coloca para o seu objeto podem ser respondidas naquela seqüência. Outras não. Nem todas as perguntas são de um mesmo tipo e por isso nem todas necessariamente precisam passar por aquele cânone. Quais os problemas com essa seqüência? Em primeiro lugar quando se colocam os objetivos enunciados quase sempre de forma frásica, numerada e comportando níveis de objetivação entre o geral e o específico, corre-se o risco de enunciar os objetivos de forma meramente descritiva a tal ponto que ficamos dispensados da problematização. Como se não houvesse mesmo necessidade de problematizar. É como se a problematização ou as hipóteses teóricas ficassem ocultas nos termos dos objetivos ou mesmo fossem dadas por suposto. Esse dar-se por suposto em Ciências Sociais não tem cabimento. É preciso explicitar pressupostos sim e de forma teórica. Os objetivos não são quase nunca enunciados na forma de hipóteses teóricas e como conseqüência eles acabam cumprindo a função mais de corte, de explicitar aquilo que não se vai estudar do que propriamente de esclarecer o quadro teórico da pesquisa. Ora, os objetivos são muito mais do que uma simples informação sobre a natureza e os limites do estudo que se vai empreender.

Uma outra conseqüência dessa visão onde se iniciou com os objetivos é que ela coloca imediatamente uma relação de exterioridade entre o sujeito que conhece e o objeto a ser pesquisado. A realidade aí é concebida como um campo estruturado de regularidades antes e fora da ação do sujeito. Antes porque o conhecimento não mudará a natureza do real (a realidade então é

tomada como imutável) e fora porque as características da realidade, as características ontológicas são supostamente dadas externamente à consciência que se possa ter dela. Vocês podem argumentar que não é bem assim mas acaba sendo assim porque essa visão está impregnada em nós e já se generalizou como a única forma de fazer ciência; a tal ponto que a gente não consegue sequer pensar em outras seqüências. E quero crer que são vícios estruturais da concepção positivista da ciência.

O enunciado dos objetivos coloca imediatamente a necessidade de explicitar os materiais e as técnicas de observação para que se possa permitir a crítica dos pares mas aqui de novo, essa crítica se reduz às dimensões do controle experimental. Ou seja, o que se verifica é mais o controle de coleta e processamento dos dados do que propriamente à pertinência e à relevância dos dados por referências às hipóteses teóricas, que se já não existiam desde o começo, agora não se tem porque voltar a elas. Elas foram supostas e supostas permanecerão aí para sempre.

Em relação aos resultados é preciso também deixar claro que esse passo não é nada tão óbvio como se pensa. Os livros de metodologia até já incorporaram as críticas ao positivismo através da contribuição de Karl Popper e hoje já é senso comum a gente ouvir ou falar que o objeto é construído. Mas o que será mesmo que isso quer dizer?

Primeiro significa que a realidade não é o dado. Mesmo o dado construído e expresso nos resultados. Os resultados expressam uma forma de construção do real. Forma essa que responde e corresponde às supostas hipóteses. Não é porque os resultados deram isto, não é porque os dados são esses que eu já estivesse livre de justificá-los teoricamente porque aí a gente supõe de novo que a realidade tem a virtude de ser objetiva e de se apresentar a nós como uma espécie de imposição ou aparição.

O último passo da seqüência, as conclusões, acabam por repetir sob outras formas as relações verificadas entre dados e hipóteses; isto quando não se esquece as hipóteses e fica-se só com os dados; expressos normalmente no formato matemático e esse formato fica sendo a expressão última e conclusiva da realidade (já que se está nas conclusões).

Todo processo indutivo permite uma certa reelaboração dos resultados nas conclusões. Nas teses de Ciência da Informação isso fica muito claro. Tão claro que basta ler objetivos e conclusões e você já leu a tese. Vocês vão dizer que tem também a revisão, a justificativa e a introdução. Pode ter tudo isso: só confirma o indutivismo porque a revisão bibliográfica não pode ser confundida com quadro teórico. Até porque revisão é mais do mesmo e a gente está chegando às raias do absurdo com a revisão de 50 a 100 autores, quase todos dizendo ou fazendo a mesma coisa. É mais um exercício que embota o raciocínio e retira de nós a capacidade de reflexão.

O consolo é que essas reduções não acontecem só em Ciência da Informação. Entre nós inclusive já existe a percepção de que algo precisa mudar. Chamei isso em outra oportunidade de abordagens empírico-analíticas (MOSTAFA; LIMA; MARANON, 1992). Empírico por causa da falta de teoria e analítico porque sem síntese. A análise, mesmo aquela do divã, é o processo de desmontagem. O analista desmonta a gente. O pesquisador também tem que desmontar o objeto. Precisa abrir o objeto, analisá-lo, ver o que tem dentro. Mas por favor, alguém tem que montar de novo. Só que a montagem, ou o caminho de volta não pode ser igual ao caminho de análise. É preciso inventar outro caminho do contrário a gente vai dar no mesmo lugar. O caminho de volta precisa ser reinventado num outro nível de abstração. Por isso que aquele jeito descritivo e desproblematizado de se objetivar ou de enunciar objetivos supunha uma realidade antes e fora da ação do sujeito. De tal forma que a realidade continua a mesma antes e depois da intervenção do pesquisador. Então para que a pesquisa? Então para que a análise? Se tudo fica igual. Claro que a pesquisa não é ação. Mas supor uma realidade imóvel e construir um objeto também imóvel faz com que o nosso objeto não libere as suas possibilidades. E o pesquisador tem responsabilidade direta nisso porque foi ele que construiu assim. Sem liberar possibilidades a pesquisa está condenada a girar sobre os seus pontos de partida.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Aldo. A questão da informação. **São Paulo em Perspectivas**, v. 8, n.4:p.8, 1994.
- BOLAÑO, César. **Capital, Estado e Indústria cultural**. Campinas, Instituto de Economia, Unicamp, 1993 (Tese de Doutorado)
- DANTAS, Marcos. **O trabalho com informação; uma contribuição para o estudo da teoria do valor**. Rio de Janeiro, IBICT, 1994 (Dissertação de Mestrado)
- GOMES, Maria Nélide Gonzalez. **A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT** Rio de Janeiro, IBICIT, 1982 172p. (Dissertação de mestrado)

MARCHIORI, Patrícia. **A posição relativa dos profissionais de biblioteconomia, jornalismo e informática no campo de atividades de informação no município de Curitiba: análise da formação acadêmica na U.F.P. em conjunto com indicadores sociológicos.** Rio de Janeiro, IBICT, 1992 (Dissertação de Mestrado).

MOSTAFA, Solange P. Nuevas tecnologías y relaciones de producción. London, **Information Development**, 2(7):75-77. 1991.

MOSTAFA, S.P.; LIMA, A.B.A; MARANON, E.I.M. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação** 21(3):216-222, 1992.

ABSTRACT

MOSTAFA, S. P. ANCIB and perspectives of Information Science. **Transinformação** v. 7 n°1/2/3, p. 41 - 48, janeiro/dezembro/1995

The meaning of a research association is analysed along with considerations of Information Science in Brazil. Traditional sequence of science composed by paths such as Objectives - Material/Methods - Results - Conclusion is seen as belonging to a positivistic way of doing science.

Key words: Perspectives of Information Science; Research policies in Information Science; ANCIB; Research Association; Information and Production Process.